

O Vínculo Avós-Netos: Uma Revisão Bibliográfica na Abordagem Psicanalítica

The Grandparent-Grandchild Bond: A Bibliographical Review in the Psychoanalytic Approach

El Vínculo Abuelos-Nietos: Una Revisión Bibliográfica desde el Enfoque Psicoanalítico

Le Lien Grand-Parents/Petits-Enfant : Une Revue Bibliographique Selon l'Approche Psychanalytique

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e13591

Beatriz Rall Daró  

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), tendo recebido apoio financeiro da CAPES e da FAPESP durante o mestrado, e possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Já trabalhou para a Telefônica Germany como recrutadora de talentos e atualmente atua como psicóloga clínica autônoma e orientadora vocacional.

Isabel Cristina Gomes  

Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1980), Mestra em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1990) e Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente é Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Coordenadora do Laboratório de Casal e Família: Clínica e Estudos Psicossociais; Coordenadora do Convênio Internacional UCES - Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales de Buenos Aires e o IPUSP. Psicanalista de casal e família.

Resumo

O aumento da expectativa de vida e da população idosa vêm crescendo no mundo ocidental desde as últimas décadas. Somado a outros fatores, isso levou a um ganho de importância do papel dos avós na família. Ainda assim, são escassos os estudos que tratam diretamente da dinâmica envolvida na dupla avós-netos, considerando-se o referencial psicanalítico que sempre primou pela relação entre pais e filhos. A relevância deste artigo consiste em aprofundar a compreensão dessa temática associada ao próprio desenvolvimento e à ampliação dos conceitos psicanalíticos, após o legado de Freud. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas principais bases de dados digitais, de acordo com descritores específicos, incluindo livros de autores reconhecidos na área, desde a origem da psicanálise até o momento atual. Depreendeu-se que, enquanto a psicanálise intrapsíquica dá enfoque à importância que os avós têm na elaboração do complexo edípico de seus netos, a psicanálise vincular se ocupa mais da função dos avós como continentes e transmissores dos conteúdos psíquicos familiares e consequentes facilitadores ou disruptores da herança psíquica.

Palavras-chave: avós, netos, psicanálise, psicanálise vincular.

Abstract

Life expectancy and the older adult population have risen across the Western world in recent decades. Alongside other factors, this shift has elevated the importance of grandparents' roles within families. Yet studies that directly examine the dynamics of the grandparent-grandchild dyad remain scarce, especially within a psychoanalytic framework that has traditionally prioritized parent-child relationships. This article seeks to deepen understanding of this topic and to extend psychoanalytic concepts beyond Freud's legacy. We conducted a literature review in major digital databases using specific descriptors, and we included books by recognized authors in the field from the origins of psychoanalysis to the present. The review suggests that, while intrapsychic psychoanalysis emphasizes the role grandparents play in their grandchildren's working through of the Oedipus complex, the psychoanalysis of the link focuses on grandparents as containers and transmitters of familial psychic contents — thereby facilitating or disrupting psychic inheritance.

Keywords: grandparents, grandchildren, psychoanalysis, links psychoanalysis.

Resumen

El aumento de la esperanza de vida y de la población anciana ha venido creciendo en el mundo occidental desde las últimas décadas. Sumado a otros factores, ello ha conllevado un incremento en la relevancia del papel de los abuelos dentro de la familia. No obstante, son escasos los estudios que abordan de manera directa la dinámica implicada en la diada abuelos-nietos, considerando el marco psicoanalítico que históricamente ha privilegiado la relación entre padres e hijos. La relevancia del presente artículo radica en profundizar la comprensión de esta temática asociada al propio desarrollo y a la ampliación de los conceptos psicoanalíticos, tras el legado de Freud. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica en las principales bases de datos digitales, siguiendo descriptores específicos, e incluyendo obras de autores reconocidos en el área, desde los orígenes del psicoanálisis hasta la actualidad. Se dedujo que, mientras el psicoanálisis intrapsíquico enfatiza la importancia de los abuelos en la elaboración del complejo de Edipo de sus nietos, el psicoanálisis vincular se ocupa principalmente de la función de los abuelos como continentes y transmisores de contenidos psíquicos familiares, actuando consecuentemente como facilitadores o disruptores de la herencia psíquica.

Palabras clave: abuelos, nietos, psicoanálisis, psicoanálisis vincular.

Résumé

L'espérance de vie et la population âgée sont en augmentation dans le monde occidental depuis les dernières décennies. Combiné à d'autres facteurs, cela a conduit à une augmentation de l'importance du rôle des grands-parents au sein de la famille. Malgré cela, les études qui abordent directement la dynamique impliquée dans la relation grands-parents/petits-enfants sont rares, surtout en tenant compte du cadre psychanalytique qui a toujours privilégié la relation entre parents et enfants. L'importance de cet article réside dans l'approfondissement de la compréhension de cette thématique associée au propre développement et à l'élargissement des concepts psychanalytiques, après l'apport de Freud. À cette fin, une recherche bibliographique a été menée dans les principales bases de données numériques, selon des descripteurs spécifiques, y compris des livres d'auteurs reconnus dans le domaine, depuis l'origine de la psychanalyse jusqu'au moment actuel. Il a été déduit que, tandis que la psychanalyse intrapsychique met l'accent sur l'importance des grands-parents dans l'élaboration du complexe œdipien de leurs petits-enfants, la psychanalyse du lien s'occupe davantage de la fonction des grands-parents en tant que contenant et transmetteurs des contenus psychiques familiaux et, par conséquent, facilitateurs ou perturbateurs de l'héritage psychique.

Mots-clés : grands-parents, petits-enfants, psychanalyse, psychanalyse du lien.

Sobre Avós e Netos na Psicanálise

Dimensionar a relação entre avós e netos dentro do campo da psicanálise é um tanto desafiador na medida em que esse referencial teórico, partindo de Freud, sempre enfocou a dinâmica envolvida entre as duas gerações mais imediatas, ou seja, a de pais e filhos, o que veio a ser condensado inicialmente sob o conceito do complexo de Édipo. Com o passar do tempo a relação mãe/bebê ganha centralidade no sentido de se tornar primordial e fundante de todo o psiquismo humano. Desse modo, as produções específicas sobre avós e netos vão começando a aparecer ao longo das décadas, ainda que às vezes de forma espaçada.

Considerando-se o aumento da longevidade no mundo ocidental e as contínuas mudanças ocorridas no universo familiar, a população de idosos passa a ocupar um novo lugar e, consequentemente, ser alvo de vários estudos nas ciências humanas e da saúde. Em decorrência, esse artigo tem como objetivo propor uma revisão bibliográfica da temática – avós e netos – dentro da psicanálise, norteando-se pelo próprio desenvolvimento e ampliação desta última, após o legado de Freud. Ou seja, trata-se de uma ênfase inicial no intrapsíquico que vai sendo complementada pela inclusão de uma visão intersubjetiva, na compreensão do sujeito humano. Por se tratar de um tema relativamente pouco estudado, objetivou-se traçar algumas reflexões acerca do levantamento empreendido.

Como método, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas principais bases de dados digitais – SCieLO, Redalyc e Google Acadêmico – de acordo com os descritores booleanos: (“avós” OR “netos”) AND (“psicanálise” OR “psicanálise vincular”), visando abarcar um maior número de artigos possíveis. O período compreendido foi desde o surgimento da psicanálise com Freud até o ano de 2024, com um recorte delimitado à língua portuguesa. Publicações em outros idiomas não foram consideradas devido à viabilidade e ao foco do estudo.

Os critérios de inclusão foram: a) trabalhos com foco na relação entre avós e netos ou o papel dos avós, inseridos no campo teórico da psicanálise ou da psicanálise vincular; e b) publicações relevantes que abordassem o tema de maneira direta e fundamentada em teorias psicanalíticas.

Trabalhos que apenas citavam avós e netos, sem uma abordagem específica sobre o tema e/ou essas abordagens teóricas, foram excluídos da revisão, mesmo compondo o campo da psicologia. Destacamos que algumas das referências mais antigas, principalmente de importantes autores da psicanálise e em livros, foram acessadas a partir de citações nos materiais digitais, o que permitiu ampliar o escopo teórico da revisão, resgatando contribuições históricas relevantes.

A coleta de dados foi realizada entre o período de março de 2016 a dezembro de 2018 de forma intensificada – devido às exigências acadêmicas do mestrado que resultou no presente estudo – e de forma contínua até dezembro de 2024 – visando manter o trabalho atualizado. Como procedimento, os materiais foram lidos na íntegra e as análises buscaram identificar tendências, lacunas teóricas e contribuições específicas sobre o vínculo avós-netos no campo psíquico da diáde. Devido à extensão da pesquisa, extraiu-se apenas o(s) conceito(s)-chave de cada trabalho analisado. Observou-se que os principais conteúdos emergentes se relacionavam ao papel/função dos avós na família como um todo ou em relação direta aos netos, e às implicações psíquicas desta função para os netos, sejam saudáveis ou patológicas.

A revisão bibliográfica resultou em 24 trabalhos analisados, divididos entre artigos, capítulos de livros e dissertações. Dentre esses, 11 são de origem brasileira, enquanto 13 são de autores estrangeiros. Outras 38 referências foram utilizadas para fins de contextualização e embasamento teórico, sem tratar, entretanto, diretamente da temática do vínculo avós-netos. Os materiais incluem desde textos fundamentais da psicanálise – como os de Freud, Ferenczi e Winnicott – até estudos mais recentes publicados após 2014, que abordam mudanças culturais e tecnológicas nas relações entre avós e netos. Observou-se uma maior concentração de trabalhos a partir da década de 1990, refletindo a expansão do campo da psicanálise vincular e a crescente atenção às dinâmicas intergeracionais.

Uma das limitações da presente pesquisa é ter se restringido aos trabalhos encontrados em língua portuguesa, o que pode refletir vieses relacionados à realidade e à interpretação segundo o cenário brasileiro. Outra restrição é a limitação a três bases de dados científicas, dada a viabilidade da pesquisa.

Os primeiros textos encontrados, datados de 1913, foram inaugurados por Ferenczi (1913/1992), Abraham (1913/1961) e Jones (1913/1938). Após esse período, observa-se um intervalo sem publicações sobre essa temática até a década de 1940, quando voltam a surgir estudos esparsos, geralmente com intervalos de, em média, uma década entre eles. Os artigos mais recentes localizados são os de Naffah (2011) e de Redondaro et al. (2022), ambos os únicos estudos brasileiros identificados sob esse enfoque teórico, de acordo com as bases de dados consultadas. Isso pode revelar que o interesse sobre a temática em pauta ocorre de forma cíclica, respeitando, talvez, as mudanças na forma de se conceber a família e suas dinâmicas relacionais, bem como a consequente ampliação dos conceitos psicanalíticos, de acordo com a língua portuguesa.

Muito embora Freud não tenha se dedicado ao tema dos avós e netos, especificamente, ainda assim, em alguns pontos de sua obra, podemos observar os primórdios para a compreensão do funcionamento desse tipo de dupla, que possui como principal característica o fato de duas gerações serem atravessadas por uma intermediária. Citamos o exemplo do caso do Pequeno Hans (Freud, 1909/2006a), no qual o autor explora a solução dada pelo garoto frente ao seu complexo edípico ao propor ficar com sua mãe enquanto seu pai poderia ficar com a mãe dele, de modo que aparece implícita a importância dos avós como possibilidade de resolução de um conflito central entre pais e filhos. Posteriormente, discorre sobre o desejo infantil da menina em ter um filho com o próprio pai – que neste caso seria teoricamente um filho-neto deste – como compensação de sua castração (Freud, 1924/2006d).

Nos escritos iniciais tanto de Karl Abraham (1913/1961) como de Ernest Jones (1913/1938) e de Ferenczi (1913/1992), vemos uma valorização das relações entre avós e netos de origem paterna, o que demonstra o peso do modelo familiar patriarcal da época. De um modo geral, eles concebiam que o avô seria visto pelo neto como uma figura paterna envelhecida, que poderia ser usada por ele de diferentes formas para a resolução do seu conflito edípico. Além disso, ressaltavam o caráter ambivalente do avô, que poderia tanto ser encarado como um velho homem onipotente e respeitado quanto como um homem velho combalido, que logo encontraria o seu fim.

Em Jones (1913/1938), damos ênfase para o conceito de fantasia de inversão das gerações, em que a criança apostaria que enquanto ela crescesse o oposto ocorreria com seus pais ou com as pessoas mais velhas, de modo que elas decresceriam. O filme *O curioso caso de Benjamin Button* (Fincher, 2012), cujo protagonista nasce velho e vai se tornando adulto, criança, então bebê, até morrer, pareceria ser uma ótima alegoria para essa fantasia. Na fantasia de inversão de gerações, ao se imaginar trocando de lugar com seu avô, o neto poderia experimentar a inversão também da situação edípica, colocando-se em posição de controle sobre seu pai (Jones, 1913/1938).

Já Karl Abraham (1913/1961) observou que a ligação intensa de certos pacientes aos seus avós era proporcional ao conflito que tinham com suas figuras parentais. Além disso, verificou que nas fantasias de algumas crianças elas apareciam como príncipes, enquanto seus pais ocupavam o lugar de reis e os avós um posto divinal. Note-se que essa fantasia se alinha à imagem do idoso como um sábio ancião, portador de conhecimento.

Entretanto, haveria o outro lado da moeda, já que os avós também poderiam ser encarados como frágeis, combalidos pelo tempo e pelas doenças da idade e já próximos da morte, como foi evidenciado por Ferenczi (1913/1992). Eles seriam como pais já derrotados, o que suscitaria rechaço por parte dos netos e culminaria num sentimento ambivalente também para com os avós, cuja representação ficaria entre a força e a fraqueza. Como exemplo, citamos o caso relatado por Karl Abraham (1913/1961)

sobre um paciente cuja esperança se depositava no fato de que a fraqueza do avô anunciava a fraqueza e a derrota futuras do próprio pai, momento a partir do qual poderia ser ele mesmo reinante. Ainda para Ferenczi (1913/1992), o avô poderia servir também como alvo das fantasias agressivas do neto, originalmente dirigidas ao pai, por meio de um deslocamento.

Nesse tocante, mais recentemente, Marques (2012), numa pesquisa com adolescentes e idosos, pontuou sobre a presença dos pais sempre evocar os aspectos infantis do filho, mesmo quando já são adultos. O neto pode então assistir a uma mitigação do poder parental dos seus próprios pais que, por relativização, parecem figuras infantis diante da autoridade dos avós. Isso faria emergir uma forte aliança entre avós e netos, uma vez que a segunda geração (pais) seria a receptora dos conflitos de ambas as direções. A partir dessa ideia, pode-se pensar que, se o complexo de Édipo implica uma triangulação entre pai, mãe e criança, a inclusão dos avós sugere um alargamento dessa configuração, que passaria a envolver avós, filhos e netos.

Retrocedendo no tempo, Deutsch, em 1945, discorre sobre a avó em uma interpretação maniqueísta em que ela poderia ser uma “fada” ou uma “bruxa” para os netos, condição que dependeria de sua história pregressa e de sua capacidade de lidar com o envelhecimento. No entendimento da autora, a “boa” avó teria sido igualmente uma “boa” mãe, o que a permitiria ser uma facilitadora da relação de sua filha com sua própria prole e, por consequência, passaria para seus netos uma imagem positiva e gratificadora.

Na concepção de Rapaport (1958), a identificação com o avô adviria de fases pré-edípicas do desenvolvimento da criança e permitiria amenizar a identificação e a introjeção com relação aos pais. Mais especificamente, essa ligação auxiliaria na relativização do poder dos pais, tornando-os uma espécie de irmãos mais velhos para a criança. Desse modo, eles se tornariam objetos mais facilmente assimiláveis pela sua rivalidade, o que ajudaria para o esvaziamento de fantasias destrutivas dirigidas aos pais.

Seguindo uma linha de raciocínio semelhante à dos autores citados acima, Kohut (1971) propôs que os avós atuariam como “objetos-*self*”, servindo como suporte ao investimento narcísico dos netos. Isso possibilitaria à criança expressar suas fantasias de onipotência, fusão ou de idealização do próprio *self*, que, de outra forma, seriam intoleráveis a seus pais.

Baseados nessas teorias psicanalíticas, Battistelle e Farneti (1991) desenvolveram um estudo quantitativo sobre a relação de avós e netos, no qual concluíram que essa relação passa por diferentes fases, conforme a etapa de desenvolvimento emocional e cognitiva dos netos. Ou seja, até a idade de cinco anos, os avós se colocariam como alternativa aos pais, quase em pé de igualdade com eles, por serem mais agradáveis, simbióticos e manipuláveis. Dessa forma, atenderiam às necessidades de onipotência e egocentrismo próprias dessa fase de desenvolvimento da criança. Com a entrada dos netos na escola e o contato com pessoas além do círculo familiar, os avós perderiam sua relevância para os netos, que agora direcionam boa parte de seu investimento para a sociedade e a realidade extrafamiliar. Posteriormente, ao longo da puberdade, que traz a rejeição dos valores pertencentes ao mundo adulto, os avós, por representarem parte desse mundo também, poderiam ser mais facilmente desprezados do que os pais, sem que isso representasse uma punição. Com o jovem adulto os avós seriam novamente figuras importantes, pois, por representarem uma estampa envelhecida e fraca, poderiam oferecer aos seus netos um plano de segurança afetiva isenta de uma significação intrusiva ou competitiva.

Dolto também chegou a discorrer sobre os avós em um livro publicado em 1998, mais especificamente tratando do quanto o avô fracassa em substituir a função paterna para a criança, nos casos de mulheres que se separam de seus maridos e voltam a morar com os próprios pais. Para ela, assim como na triangulação edípica, o menino se identifica justamente com o elemento contido no pai que atrai a mãe – ou seja, sua virilidade. Por isso, ele não pode se identificar com a virilidade do avô, pois não é a qualidade que atrai sua mãe. O resultado disso seria o fracasso no processo de socialização do garoto e o surgimento de perturbações.

Por fim, dentro do contexto brasileiro mais recente, Naffah (2011), pautado nas concepções deterministas de Winnicott (1990; 1992) acerca do masculino e do feminino, propõe que, dada a importância da preocupação materna primária e a entrada da mulher no mercado de trabalho, cada vez mais aumenta a tendência de o pai e a avó assumirem funções maternas, paralelamente à mãe. Frente a esse quadro, o avô seria o menos propenso a ser capturado por essa lógica, mantendo-se em uma posição *marginal*. Justamente por isso, estaria mais apto a perceber as necessidades do neto a partir de um ângulo distinto em relação aos demais cuidadores. Nessa perspectiva, ele estaria substituindo a função tradicionalmente paterna, no sentido da demarcação das diferenças. Ainda na visão de Naffah (2011), sendo impossível haver uma equivalência entre pai e mãe, logo, também avô e avó não poderiam ter suas funções confundidas. Entretanto, é preciso ponderar que é crescente a tendência de avós virem abandonando atribuições originalmente masculinas em nome de dispensarem cuidados mais maternos aos netos (Dias, 2015); o que se associa, segundo a autora, com o enfraquecimento da figura de autoridade masculina.

Em revisão sistemática da literatura acerca da influência dos avós no desenvolvimento infantil, Redondaro et al. (2022) enfatizam que os mesmos podem tanto contribuir positivamente, por exemplo facilitando o respeito entre as gerações, quanto negativamente, pois podem implicar em uma inversão e confusão de papéis em relação aos pais da criança.

De acordo com a vertente intrapsíquica, vemos que os trabalhos foram se complementando ao longo das décadas e que apresentam conexões entre si, basicamente versando sobre o papel dos avós na elaboração do complexo edípico. Apesar da importante contribuição que tais estudos representam, observamos que mesmo assim são poucas as produções,

sobretudo no Brasil, e reconhecemos que o entendimento sobre esse tipo de vínculo pode ter maior alcance a partir de outra perspectiva psicanalítica, a saber: vincular, ou das configurações vinculares.

O Vínculo Avós-Netos à Luz da Psicanálise Vincular e das Configurações Vinculares

A psicanálise vincular (Berenstein, 2011), e das configurações vinculares (Kaës, 1993; 2001; 2014), traz como uma de suas principais contribuições a assertiva sobre a constituição psíquica de todo sujeito estar essencialmente ligado ao legado geracional. Aqui, a figura dos avós, sejam eles participativos ou não, é central nessa articulação; eles seriam o elo de ligação entre seus próprios antepassados, pais e avós, possivelmente já mortos, e seus sucessores, filhos e netos, teoricamente vivos, encadeando cinco gerações (Barros, 1987). Deste modo, o sujeito se constitui em meio a uma cadeia familiar e geracional, que lhe promove pertencimento existencial e torna todos herdeiros e transmissores de uma determinada história, carregada de conteúdos conscientes e inconscientes.

É pela via do fenômeno da transmissão psíquica geracional, tema estudado desde a Antiguidade (Granjon, 2001), que entendemos as articulações entre o sujeito e sua pré-história subjetiva. Como nesse artigo vamos nos ater às possíveis trocas de conteúdos psíquicos entre as gerações na confluência dos vínculos entre avós e netos, discorreremos no geral sobre esse importante conceito, sistematizado por Kaës (1998; 2001; 2005; 2014) em duas categorias: a transmissão de conteúdos inconscientes sem transformação, ou transgeracional; e a transmissão intergeracional, que permite a elaboração e transformação desses mesmos conteúdos.

Na psicanálise vincular de origem argentina, a noção de *vínculo* vem romper com a ideia mais simples de relação de objeto, que envolve apenas representação (do objeto), passando a abarcar representação *e* apresentação (do outro), uma vez que envolve *presença* (Berenstein, 2011; Puget, 2015). O vínculo seria como um terceiro elemento que liga duas ou mais partes (Kaës, 1993), cuja intersecção são os pontos de identificação existentes entre elas (Berenstein, 2011).

No que se refere à família, o vínculo caracteriza a existência do laço entre cada membro, além de posicioná-los uns em relação aos outros, conforme os graus de parentesco, como mãe, filho, tio, primo, avô, avó, etc. Disso resulta que o vínculo de avós e netos já é determinado pela genealogia, independentemente de haver uma relação entre as partes ou da qualidade dessa relação (Benghozi & Féres-Carneiro, 2001).

O conceito de “família” também é central na psicanálise vincular, para a qual interessam a dimensão psíquica e as dinâmicas envolvidas nesse grupo (Correa, 2002). Esta se apresenta como um grupo organizado que ordena determinados fatores, como a lei, a linguagem, os valores e ideais; ao mesmo tempo que proíbe outros, como o incesto e o assassinato, afastando seus membros da ameaça do caos, da loucura e do esfacelamento (Carreteiro, 2001).

A família é um grupo com características especiais, cujo seio funda um espaço psíquico onde acontecem tanto as trocas geracionais quanto uma espécie de reservatório das fantasias e fantasmas que dizem respeito a uma determinada família (Correa, 2002). Granjon (2001) denomina o aparelho psíquico grupal, ou aparelho psíquico familiar, como um dispositivo virtual que processa os conteúdos em comum do grupo e que delimita um envelope continente.

Quando nesse grupo familiar surge o nascimento de uma criança, observamos o confronto das gerações, possibilitando o retorno das experiências vivenciadas pelos pais (agora avós) nos nascimentos de seus próprios filhos. Os avós tentam se adequar ao seu novo papel, oferecendo uma resposta ligada a seus antepassados. O que se percebe é um movimento de reatualização de um passado de experiências quando se veem diante do novo (Vianna, 2006).

Assim, a criança é o receptáculo dos desejos e projeções parentais, representando a esperança do cumprimento de uma promessa (Freud, 1914/2006c). Portanto, o nascimento do bebê reposiciona os lugares de parentesco e as funções familiares devem se reacomodar. Os avós, até então apenas pais, devem se resguardar do impulso de inculcar no neto suas próprias expectativas, deixando essa tarefa aos seus próprios filhos.

Ao contrário do vínculo pais-filhos, o vínculo avós-netos não é necessariamente marcado pelo desejo dos avós, e mesmo que ele esteja presente, não há um controle direto sobre a possibilidade de vir a sê-lo: tornar-se avô(ó) é involuntário. Esse desejo apenas poderia ser exercido, indiretamente, por meio da influência sobre seus próprios filhos. Seria possível, então, pensar em um narcisismo dos avós? Em caso afirmativo, até que ponto este narcisismo poderia atingir o neto? Ainda assim, a despeito do desejo dos avós, o neto é por vezes encarado pelos seus pais como uma espécie de presente dado aos avós em retribuição à dádiva da vida que lhes foi concedida por eles (Portugal, 2007). Ou seja, se falamos em desejo, podemos entender que por vezes o neto representa a materialização do desejo dos pais de gratificarem seus próprios pais.

Toda família tem um mito familiar próprio, que é nuclear à sua estrutura. Esse mito, assim como as representações transgeracionais associadas a ele, é edificante para a família, muito embora também possa ser desestruturantes (Eiguer, 1995). Para Eiguer (1995), é possível acontecer rompimentos com relação às expectativas do ideal de família em diferentes níveis, de forma, por exemplo, que o ideal da família nuclear entre em conflito com o da família ampliada, incluindo os avós, os tios e primos; ou entre a família nuclear e a dos antepassados. Infere-se que os avós, preferencialmente ainda não vivos, seriam o sustentáculo desse mito familiar e representariam o elo vivente entre o passado da família, atrelado aos antepassados, e os seus sucessores, que continuarão o processo de transmissão.

Se Freud (1924/2006d) já indicou a identificação dos filhos com seus genitores, pautando-se nos autores a seguir, também consideramos diferentes níveis de identificação com uma figura ancestral ou anterior aos pais, como os avós. Isso fica evidenciado não apenas pela repetição de uma patologia, como também em situações saudáveis em que é possível perceber mimetismos com relação a tais antecessores. Desta forma, um neto poderia carregar e personificar a imagem de um avô ou de um ancestral (Eiguer, 1995).

Na visão de Berenstein (2011), a família cria um limite envoltório que delimita quem está dentro e quem está fora. Ele se associa ao vínculo de sangue, considerando como estranhos os que vêm de fora (genros ou noras). Isso faz pensar que, mesmo que sogros e noras/genros sejam mais próximos geracionalmente, o laço avós-netos ainda assim seria mais forte, a princípio, pois carregaria a garantia de uma linearidade biológica.

A partir das considerações de Berenstein (2011), podemos pensar que, ao se tornarem avós, os indivíduos têm como tarefa processar uma série de abstenções: devem renunciar à relação de pais de seus filhos, que agora serão pais, o que significa renunciar, por sua vez, ao que restava da sexualidade infantil em relação a eles; devem renunciar também à função de serem os principais indicadores dos valores, mitos, proibições e preceitos familiares; e finalmente, devem aceitar o lugar de exclusão relativamente à nova família que o(a) filho(a) formou; em outras palavras, os avós serão os terceiros excluídos em relação ao vínculo pais-filhos.

Retomando à questão dos conteúdos transmitidos entre avós e netos, os primeiros são entendidos como duplamente agentes da transmissão: ao mesmo tempo que suas vivências e experiências, como a de seus antepassados e a dos seus filhos, conformam uma linhagem genealógica que desembocará no(s) neto(s), também teriam uma participação ativa por meio do contato direto com ele(s), da mesma forma que os pais ou cuidadores da criança. Assim, poderíamos pensar em uma transmissão do passado e uma transmissão do presente, respectivamente. Talvez seja possível pensar, ainda, em uma terceira forma de transmissão, dada a situação em que os primeiros, pais de seus netos, contam histórias sobre seus filhos a estes.

Além disso, é curioso refletir sobre os avós que exercem o cuidado integral dos netos e sobre como se daria a transmissão nos casos em que a criança fica privada da geração intermediária, a dos pais. Receberia ela a mesma herança que seus pais receberam, como se fossem irmãos? Ou seria um material diferente, agora modificado pela passagem do tempo e/ou pelo reposicionamento dos lugares de parentesco?

Embora o foco desta revisão não recaia sobre a patologia, compreendemos ser relevante apresentar essa parte da teoria, por conter as principais contribuições relativas a avós e netos dentro do aporte teórico em questão. Ainda assim, gostaríamos de ressaltar a importância de se pensar a relação entre avós e netos fora desse campo adoecido, considerando sua dinâmica a partir de uma situação cotidiana e saudável.

A patologia geracional é identificada quando os elementos históricos da vida do sujeito adoecido não bastam para explicá-la e, logo, sua etiologia deve ser buscada nas vivências de seus antecessores. Tais vivências se infiltram em sua psique, mesmo não lhe dizendo respeito, como um corpo estranho (Prado & Giovannini, 2001). Nesse sentido, vemos então que a patologia é a própria expressão da interação entre as gerações e só ocorre a partir do contato com o outro.

Na concepção de Nicolas Abraham e Maria Torok (1995), caso não haja capacidade de suportar um determinado conteúdo traumático, devido ao sofrimento que provoca, ele pode ser perdido e uma lacuna ficará em seu lugar. Isso leva à formação de um encapsulamento desse conteúdo, que precisa ser isolado do restante da vida psíquica do sujeito. Justamente por sua incapacidade de elaboração, ele acabará sendo passado às gerações seguintes, que poderão ou não transformá-lo; em caso negativo, os herdeiros tornam-se reféns desse conteúdo.

De acordo com a categorização de Eiguer (1995) sobre os tipos de família – edipiana, anaclítico-depressiva e narcísica –, este último seria o mais propenso a apresentar confusões entre as gerações e entre os sexos. Nesse caso, os papéis são frequentemente trocados e os limites eu-outro pouco claros: um filho pode ocupar o lugar do pai ou mesmo do avô, por exemplo.

Enquanto na família edipiana há um reconhecimento das origens predecessoras sem que se perca a coesão interna nuclear, na anaclítica e, em alguns casos, nas narcísicas, figuras antepassadas, como os avós, ocupam um lugar de imponentia e autoridade que se estende aos vínculos libidinais de objeto, dificultando a coesão grupal da família nuclear (Eiguer, 1995). Por contraste, refletimos que na família edípica os limites são bem traçados, incluindo os que separam os avós, de um lado, dos filhos e netos, de outro, constituintes de uma nova família.

Algumas famílias vivem à sombra de uma figura imagética de um antepassado já morto, que faz sentir sua influência apesar de sua ausência, da qual resulta uma sensação de dívida ou de obrigação em relação a ele, ou mesmo uma ideia persistente de missão a ser cumprida (Eiguer, 1995). Os avós, neste caso, representariam os membros mais próximos ligados a essa figura ancestral ou, quando não, seriam eles mesmos que a constituem.

Por parte dos netos, se é verdade que há a dívida neurótica dos filhos para com os pais (Freud, 1913/2006b), esses casos fazem pensar que é como se essa dívida fosse tão grande que se estenderia para os avós e até mesmo para além deles, os antepassados. De acordo com Eiguer (1995), em situações como essas, os descendentes costumam experimentar sentimento de culpa e ambivalência.

Em outros casos de patologias transgeracionais, o que Eiguer (1995) chama de representações ocas, o genitor, preso a representações do passado, de seus pais ou dos seus ancestrais, não é capaz de oferecer ao filho o investimento narcísico

necessário para sua constituição subjetiva satisfatória. O resultado é uma identificação da criança com o vazio. Aqui, é como se os ancestrais monopolizassem a história familiar e usurpassem o investimento libidinal de um ou dos dois genitores, o que acaba por levar à desvinculação dos membros da linhagem, bem como à psicose na criança (Eiguer, 1995). Dito de outra forma, parece haver uma inversão da lógica esperada e o investimento libidinal aconteceria na “contramão”: do sucessor para o antecessor. Assim, o filho investiria em seus pais, os netos em seus avós, os bisnetos em seus bisavós, e assim por diante. O vínculo entre avós e netos ficaria comprometido: os avós sugando de seus filhos o investimento que deveria ser destinado aos seus netos.

Essas ideias trabalhadas por Eiguer (1995) parecem se aproximar do conceito de telescopagem das gerações, desenvolvido por Faimberg (2001), segundo o qual histórias diferentes são aglutinadas ao longo de três gerações, gerando a alienação do sujeito em relação aos próprios conteúdos internos, em função de um outro que lhe é estranho. O filho introjeta os conflitos intrapsíquicos de seus pais exatamente como os recebeu, sem nenhum trabalho de elaboração, e acaba por reviver a vida deles. Devido aos processos de intrusão e apropriação envolvidos, os limites entre o eu e o outro ficam abalados, impedindo uma diferenciação clara do sujeito. Desta forma, não há espaço para a criação de uma subjetividade própria pelo sujeito, que fica propenso a uma morte psíquica caso não consiga elaborar tais conteúdos.

Schwartzman (1998), baseada na concepção de identificação alienante de Missenard et al. (1989), enuncia que, por fidelidade narcísica à geração antecedente, os pais apresentariam o desejo de identificar seus sucessores, os filhos, com os avós destes. Em outras palavras, os filhos teriam uma identificação similar à identificação de seus pais com os próprios pais. Esse quadro talvez possa ser exemplificado em alguns casos em que os pais dão aos seus filhos o mesmo prenome dos avós destes.

Tratando do conceito de vínculo em relíquia, Prado e Giovannini (2001) dão o exemplo do objeto-relíquia, que não apresenta uma utilidade prática, como outros objetos domésticos de uso, mas representa um objeto de culto privado, que fortalece a crença em uma indestrutividade apesar do tempo e das mudanças. Por meio do pensamento onipotente, ele é capaz de alterar a percepção da realidade e visa, justamente, aplacar a dor da morte e da separação e do rompimento.

Isso faz pensar no caso de netos que já perderam seus avós e que, por meio de um objeto-relíquia herdado, podem preservar algo do vínculo que mantinham com eles. Um objeto transmitido como herança carrega a conotação de fazer lembrar e de fazer presente – ou atualizar – a estampa do doador, não apenas para a geração que a recebe, mas também para que essa presença se perpetue *ad infinitum*, já que o bem pode ser passado para as gerações seguintes sucessivamente. O objeto-relíquia, neste sentido, seria a materialização da herança entre gerações e da esperança da eternização da família.

Tratar da transmissão psíquica implica necessariamente abordar a diferença de gerações e de tempos que sucedem uns aos outros. Cabe salientar que, para Granjon (2001), passado ou pré-história seriam praticamente sinônimos de presente, uma vez que no inconsciente os três tempos se misturam, sendo mais correto condensá-los sob a ideia de um presente composto.

Pautada na concepção de temporalidade de Santo Agostinho, Granjon (2001) estabelece um paralelo entre passado e memória, presente e percepção e futuro e espera. O idoso – o velho – remeteria ao passado, logo, à memória, que, segundo Puget (2001), tem importante função elaborativa e criativa. Assim, o esquecimento, longe de ser uma falha, constituiria parte do processo de memória. Ainda para a última autora, mecanismos de recordação e de esquecimento se fazem presentes em toda família. Destarte, o somatório das inscrições de memória e esquecimento produz uma história (Puget, 2001), a história familiar, no caso.

Nesse sentido, consideramos que os avós na família cumpririam a função de preservar sua história, como um reservatório dos conteúdos que serão perpetuados e dos que deverão ser esquecidos. Assim, não só aquilo que os avós conservam na memória diz respeito ao grupo familiar, mas igualmente aquilo que eles esquecem, o que fornece, possivelmente, o modelo de esquecimento ou negação desse grupo também. Se um trabalho de ligação e de transformação pelo grupo familiar, funcionando como um aparelho único, faz-se necessário para metabolizar seus conteúdos circulantes (Correa, 2002), poderíamos refletir que os avós teriam uma importante função de metabolização, uma vez que representariam a matriz viva da transmissão.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mijolla (2001) discorre sobre como os avós têm um importante papel no seio psíquico familiar por meio de seus relatos sobre seus antepassados, e de como o psicanalista deve escutar tais conteúdos, a fim de facilitar a reconstrução pelo indivíduo de uma pré-história pré-consciente.

Finalmente, foram ainda localizadas algumas contribuições entre os anos de 2014 e 2023. Os trabalhos de Silva (2014), Silva e Correa (2014) e de Moura e Assis (2018) articulam avós e netos com literatura infantil e contos de fadas na psicanálise, abordando a transgeracionalidade na visão intrapsíquica, situando-se entre as duas correntes teóricas. Grosso modo, os três versam sobre como os avós, principalmente as avós (Moura & Assis, 2018), representariam uma importante figura na transmissão familiar de elementos simbólicos ao contar histórias infantis para seus netos (Silva, 2014; Silva & Correa, 2014; Moura & Assis, 2018).

A partir de um estudo de caso – em que os avós exerciam as funções parentais principais em relação a suas duas netas de seis e sete anos de idade, enquanto a mãe das crianças juntamente com o padrasto tinham funções de cuidado secundárias –, Almeida e Okamoto (2018) constataram que reassumir o lugar parental representou para os avós um novo sentido de vida, enquanto as netas desenvolveram um sentimento de responsabilidade em relação à avó, que viam como

figura cuidadora principal, fato que sustentava o vínculo entre as duas partes. As autoras concluíram ainda que, embora os avós apresentassem funções fundamentais quanto à herança psíquica, certos aspectos geracionais impactaram diretamente sobre a experiência edípica da família como um todo (Almeida & Okamoto, 2021).

Também com base em um relato de caso de uma dupla de avô e neta, o artigo de Daró e Gomes (2022) discorre sobre uma triangulação edípica “avô-mãe-neta”, ou seja, um complexo de Édipo *trigeracional*, que enlaçava três gerações ao invés de duas. Para além disso, analisa-se sobre como o avô e a neta pareciam fazer uma aliança contra a geração intermediária (a mãe), ao mesmo tempo em que certos elementos do complexo de Édipo “tradicional” também pareciam se repetir na dinâmica, tais como rivalidade (neta versus mãe) e afeto dual (neta pelo avô e vice-versa).

Pode-se citar a dissertação de Daró (2018), um estudo de quatro casos que abordou a influência das mídias sociais sobre o vínculo entre avós e netos à luz da psicanálise vincular, embora também considerando o contexto da psicologia geral e demográfico mais atual. Observou-se que os canais midiáticos podem afetar de formas diversas o vínculo entre a díade, mas não têm poder de ditar sua qualidade ou de interferir na transmissão psíquica, sendo antes consequência do tipo de vínculo entre os avós e seus netos do que causa deles.

Já a dissertação de Santos (2023) destaca que os avós, ao assumirem a parentalidade em contextos adversos, como a perda dos pais, enfrentam a necessidade de elaborar o luto enquanto investem nos cuidados dos netos. Esse papel proporciona um sentido de continuidade e esperança frente à finitude da vida. Além disso, a contemporaneidade traz desafios intergeracionais e transgeracionais, evidenciando a complexidade das novas formas de parentalidade e das múltiplas composições familiares (Santos, 2023).

Baseada na psicanálise de Winnicott, na antropologia filosófica de Buber e na filosofia de Walter Benjamin, Castro (2023) aponta, a partir de um estudo qualitativo envolvendo dez avós/avôs, a importância dos encontros amorosos com seus netos, dos quais emergiria uma “força infantil”, produtora de novas possibilidades de vida. A capacidade de brincar e de criar, proporcionada pelas crianças, seria uma grande potência para os avós.

A partir de todo o exposto, que reflete sobre a importância da transmissão da vida psíquica, ressalta-se o fato de que, quando um conteúdo não pode ser transmitido via consciente, ele o será pela via inconsciente. Desta forma, pensamos que os avós, em uma família, cumpririam com uma função saudável de trazer à tona, para a consciência, histórias cujos filhos e netos precisam se apropriar para torná-las suas, de maneira que interfiram positivamente na construção de suas trajetórias. Do contrário, quando a herança é transmitida de forma inconsciente, poderá não ser apropriada e o sujeito termina por se assujeitar a um destino pouco conhecido, já que um dos modos dessa transmissão se manifestar é pela via da repetição.

Considerações Finais

Com base na revisão empreendida, vemos que o estudo do vínculo avós e netos na psicanálise se inicia propriamente com os trabalhos de Karl Abraham, Jones e Ferenczi, em 1913. Além da escassez do desenvolvimento do tema pela psicanálise intrapsíquica, ocorrem algumas lacunas entre as décadas, como podemos ver na pausa de mais de 30 anos entre os primeiros manuscritos e o próximo encontrado, de Deutsch, em 1945, ou a de 20 anos entre o trabalho de Kohut, de 1971, e o de Battistelle e Farneti, de 1991 – pelo menos de acordo com os dados encontrados. Paralelamente, observa-se ainda que o interesse da psicanálise vincular pelo assunto parece emergir a partir da década de 1990, quando foram localizados os primeiros artigos relativos a ele, enfatizando a cronologia dos trabalhos em língua portuguesa.

Sob o ponto de vista da psicanálise intrapsíquica, desde seus primórdios em Freud, a compreensão da relação de avós e netos se fixou em torno da elaboração do complexo edípico e do conceito de identificação, com uma maior ênfase na linhagem paterna e no papel dos avós como bons substitutos dos pais. Há somente uma referência acerca do papel especificamente das avós, remontando à ligação das mães com suas próprias mães (Deutsch, 1945). Isso poderia ser interpretado como efeito da predominância do modelo patriarcal tradicional de família nos escritos de Freud e de seus seguidores mais próximos.

Com o passar do tempo e com a ampliação dos referenciais psicanalíticos, temos a centralidade do conceito de vínculo frente às relações de objeto, a família como instância promotora de saúde e patologia, e a importância do conceito de transmissão psíquica geracional como um dos pilares formadores da constituição psíquica do sujeito. Entretanto, embora essa abordagem psicanalítica se mostre, a princípio, mais apropriada para abordar o vínculo avós-netos, ainda assim há poucos trabalhos específicos sobre o tema. As contribuições existentes concentram-se, em sua maioria, na patologia geracional e vincular, muito fincada no conceito de transmissão psíquica transgeracional.

Interessante notar também que a maior parte das contribuições parece dar maior peso para a figura dos avós e menos para a dos netos, principalmente na psicanálise vincular. Isso pode ser decorrência da centralidade do conceito de transmissão psíquica para essa abordagem, e que, a princípio, sempre ocorreria da via ascendente para a descendente, como se os avós pudessem ter maior influência sobre os netos do que o inverso, algo que é contrariado entretanto por Castro (2023), ao concluir sobre a importância da potência lúdica das crianças para seus avós.

De um modo geral, foi possível depreender que, enquanto a psicanálise tradicional dá enfoque à importância que os avós têm na elaboração do complexo edípico de seus netos, a psicanálise vincular se ocupa mais da função dos avós como continentes e transmissores dos conteúdos psíquicos familiares e consequentes facilitadores ou disruptores da herança psíquica.

As teorias aqui apresentadas mostram a riqueza dessa área de pesquisa e intervenção e o quanto há por ser explorado, ainda mais quando associamos configurações relacionais e familiares diversas ao modelo heteronormativo tradicional. Exemplos disso incluem avós que formam um casal homoafetivo, ou avós de um neto filho de um casal homoafetivo, ou ainda avós de netos nascidos por processos de inseminação artificial.

Outra problemática atual a ser considerada seria a crescente dissolução das hierarquias que se observa hoje e a consequente inversão da lógica tradicional velho-sábio/jovem-aprendiz, e como isso incidiria sobre o processo de transmissão psíquica. A esse respeito, Puget (2015) lembra que pais e avós, na esperança de transmitir seu olhar sobre a vida para filhos e netos, esquecem-se de ouvi-los e se deparam com o fato de que, na contemporaneidade, estes últimos sabem mais do que eles próprios e, mais ainda, que o que sabem não provém do meio familiar. Entendemos que essa temática pode se relacionar com a crise da transmissão psíquica existente hoje – de que trata Kaës (2001) –, se é que isso significaria uma crise no seu sentido negativo ou apenas uma mudança.

Concluindo, este artigo representou um esforço de não só reunir, revisar e analisar tais contribuições ao longo da cronologia histórica, como também lançar alguns elementos interpretativos, tomando por base uma metapsicologia mais nova, a psicanálise vincular (Gomes, 2016), que enfatiza o conceito de transmissão psíquica geracional e suas implicações na relação entre avós e netos. Aborda-se a importância desse vínculo, na família, segundo uma perspectiva saudável e criativa, já que há um campo estabelecido pontuando essa temática à luz da clínica psicanalítica familiar e de casal. Apontamos, ainda, a necessidade de mais estudos, inclusive brasileiros, que aprofundem esse tipo de vínculo, considerando o aumento da longevidade no mundo e as mudanças no modo de ser família hoje.

Referências

- Abraham, K. (1961). *Estudios sobre psicoanálisis y psiquiatria* (pp. 42-45). Hormé. (Trabalho original publicado em 1913)
- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.
- Almeida, C. T. M., & Okamoto, M. Y. (2018). *Avós responsáveis pela criação dos netos: Uma análise das relações nas famílias contemporâneas* [Apresentação de trabalho]. Sétimo Congresso Internacional de Psicologia da UEM, São Paulo, Brasil. [chrome-extension://efaidnbmnmbpcajpcglclefindmkaj/https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_310_1523761599.pdf](https://efaidnbmnmbpcajpcglclefindmkaj/https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_310_1523761599.pdf)
- Almeida, C. T. M., & Okamoto, M. Y. (2021). Vivências e significados do Complexo de Édipo em uma família contemporânea. *Vínculo – Revista do NESME*, 18(1), 134-144. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v18n1p134-144>
- Prado, M. C. C. A., & Giovannini, N. F. R. (2001). Histórias de fantasmas: Quando a herança assombra. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casamento e família: Do social à clínica* (pp. 96-111). NAU Editora.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade & afeto: Avós, filhos e netos na família brasileira*. Jorge Zahar.
- Battistelle, P., & Farneti, A. (1991). Grandchildren's images of their grandparents: A psychodynamic perspective. In P. K. Smith (Org.), *The psychology of grandparenthood: An internacional perspective* (pp. 143-156). Routledge.
- Benghozi, P., & Féres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casamento e família: Do social à clínica* (pp. 112-118). NAU Editora.
- Berenstein, I. (2011). *Do ser ao fazer: Curso sobre vincularidade*. Via Lettera Editora.
- Carreteiro, T. C. (2001). Vinculações entre romance familiar e trajetória social. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casamento e família: Do social à clínica* (pp. 112-118). NAU Editora.
- Castro, L. G. (2023). Infância em relações entre avós e netos: Vínculo, amor e potência de vida. *Childhood & Philosophy*, 19, 1-25. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2023.69733>
- Fincher, D. (Diretor). (2012). O curioso caso de Benjamin Button [Filme]. Warner Bros./Paramount Pictures.

- Correa, O. B. R. (2002). *Vínculos e instituições: Uma escuta psicanalítica* (pp. 67-84). Escuta.
- Daró, B. R. (2018). *A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: Uma contribuição da psicanálise vincular* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.47.2018.tde-24092018-095935>
- Daró, B. R., & Gomes, I. C. (2022). Quando Édipo encontra Lábdaco: Sobre o Complexo de Édipo entre um avô e uma neta à luz da Psicanálise Vincular. *Vínculo – Revista do NESME*, 19(2), 201-209. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v19n2a5>
- Deutsch, H. (1945). *The psychology of women*. Grune & Stratton.
- Dias, C. M. S. B. (2015). Avôs e bisavôs: Percepções e vivências desses papéis. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. V. Zucoloto (Eds.), *Paternidade na sociedade contemporânea: O envolvimento paterno as mudanças na família* (pp. 287-301). Juruá Editora.
- Dolto, F. (1998). *Os caminhos da educação*. Martins Fontes.
- Eiguer, A. (1995). *O parentesco fantasmático: Transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica*. Casa do Psicólogo.
- Faimberg, H. (2001). A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In R. Kaës (Ed.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 71-93). Casa do Psicólogo.
- Ferenczi, S. (1992). O complexo do avô. In *Obras Completas de Sándor Ferenczi – Psicanálise II* (pp. 59-60). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2006a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 11-133). Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2006b). Totem e tabu. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-168). Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912])
- Freud, S. (2006c). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 75-113, J. Salomão Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006d). A dissolução do complexo de Édipo. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 189-199) Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Gomes, I. C. (2016). Psicanálise de família e casal: Novos constructos teóricos? In I. C. Gomes, M. I. A. Fernandes, & R. B. Levisky (Eds.), *Diálogos psicanalíticos sobre família e casal* (2a ed., pp. 53-64). Escuta.
- Granjon, E. (2001). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. B. R. Correa (Ed.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17-43). Escuta.
- Jones, E. (1938). Papers on psychoanalysis (pp. 525-530). Baillière, Tindall & Cox. (Trabalho original publicado em 1913)
- Kaës, R. (1993). *O grupo e o sujeito do grupo*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer (Ed.), *A transmissão do psiquismo entre gerações* (pp. 5-19). Unimarco.
- Kaës, R. (2001). Introdução: O sujeito da herança. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez, & J.-J. Baranes (Eds.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-26). Dunod.

- Kaës, R. (2005). *Espaços psíquicos compartilhados: Transmissão e negatividade*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. Ideias e Letras.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self: A systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. Hogarth Press.
- Marques, I. M. (2012). *Adolescentes e idosos: Uma leitura psicanalítica do encontro intergeracional no Oldnet* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório de Teses e Dissertações PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15209>
- Mijolla, A. (2001). História e pré-história psíquicas: O intergeracional e seus fragmentos de identidade. *Psicanálise*, 3(2), 305-329. <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/57>
- Missenard, A., Rosolaro, G., Guillaumin, J., Kristeva, J., Gutierrez, Y., Baranes, J.-J., Kaës, R., Roussillon, R., & Moury, R. (1989). *Le Négatif: Figures et modalités*. Dunod.
- Moura, J. G., & Assis, M. F. P. (2018). Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil. *Perspectivas em Psicologia*, 22(1), 121-137. <https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-09>
- Naffah Neto, A. (2011). O lugar e a função do avô, aquele que é pai duas vezes: Um estudo a partir de D. W. Winnicott. *Winnicott e-prints*, 6(2), 1-15. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200001
- Portugal, S. (2007). O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, 35-56. <https://doi.org/10.4000/rccs.723>
- Puget, J. (2001). Disso não se fala... Transmissão e memória. In O. B. R. Correa (Ed.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 73-87). Escuta.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: Incertidumbre y certezas*. Lugar Editorial.
- Rapaport, E. A. (1958). The grandparent syndrome. *Psychoanalytic Quarterly*, 27, 518-537. <https://doi.org/10.1080/21674086.1958.11926112>
- Redondaro, L., Freitas, V. O., Santana, G., Oliveira, D. A., & Silva, R. M. F. (2022). A influência dos avós no desenvolvimento Infantil: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Foco*, 14(20), 201-220. <https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/3847>
- Schvartzman, A. R. (1998). Mas allá de la historia. La violencia a través de la metapsicología transgeracional. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 2(1), 199-208.
- Santos, I. F. (2023). *A parentalidade exercida pelos avós: desafios e impactos na dinâmica familiar* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/49319>
- Silva, C. C. F. M. (2014). *Os avós e os netos: Um encontro de diferentes tempos verbais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/94a14765-0b11-4765-afb8-9e2c30b4ec16>
- Silva, C. C. F. M., & Correa, M. R. (2014). Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil. *Pensando Famílias*, 18(1), 124-137. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100011
- Vianna, F. P. F. (2006). Transgeracionalidade: “Des-encontro” de gerações. *Epistemo-somática*, 3(2), 231-236. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052006000200007#:~:text=%C3%89%20o%20momento%20em%20que,do%20nascimento%20de%20uma%20crian%C3%A7a

Winnicott, D. W. (1990). *Home is where we start from* (Cap. 3, pp. 183-194). Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1986[1964])

Winnicott, D. W. (1992). *Psycho-analytic explorations* (Cap. 28, pp. 168-192). Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1971[1966]).

Agradecimentos

As autoras agradecem à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº: 2016/13849-2) – pelo apoio financeiro oferecido ao desenvolvimento da pesquisa, que resultou neste artigo.

Como citar:

Daró, B. R., & Gomes, I. C. (2025). O Vínculo Avós-Netos: Uma Revisão Bibliográfica na Abordagem Psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 25(1), e13591. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e13591>

Endereço para correspondência:

Beatriz Rall Daró
E-mail: beatrizralldaro@gmail.com

Isabel Cristina Gomes
E-mail: isagomes.usp@gmail.com



Recebido em: 10/03/2022.

Aceito em: 09/12/2024.